

A canoa baleeira dos Açores e da Ilha de Santa Catarina

Clique nas imagens para ampliar

Autor(a): Joel Pacheco | **Saiba mais sobre o(a) autor(a)**

Tema: Patrimônio Material e Imaterial

Subtema: Artes, ofícios artesanais, economia, turismo e preservação cultural

Referência geográfica do conteúdo: Florianópolis, Brasil

Data de publicação: 18/09/2009

Línguas disponíveis: Português

Situação do artigo/trabalho: (Artigo/Trabalho em apreciação)



A Canoa baleeira dos Açores e da Ilha de Santa Catarina

RESUMO

A minha história com a baleeira.

Em certa fase da minha infância, morei ao lado Forte Santana embaixo da ponte Hercílio Luz e passei alguns anos brincando nas cercanias do Forte, Forno do Lixo, Rita Maria e no terreno do Estaleiro Arataca.

Brinquei muito na praiazinha ao lado do Forte, verdadeiro sítio arqueológico, onde há muita história para ser contada, pesquisada e que merece ser preservado e estudado rapidamente sob pena de desaparecer.

Muitas vezes sentado na praia, eu construía barquinhos com restos de madeira, onde a vela era feita com alguma pena de aves, o leme e a bolina com cacos de louça, cerâmica ou conchas, todas encontradas na areia. Soltava o novo brinquedo na água e observava por alguns minutos, até ele desaparecer do alcance da vista, levado pela correnteza e pelo vento. Era uma sensação muito gostosa e prazerosa de ver o meu invento se tornar realidade e ganhar movimento.

Outro tipo de barquinho mais refinado era feito com a lata de óleo de cozinha ou lata de leite em pó. Abria-se a lata com uma faca de tal modo que a mesma resultasse numa chapa plana. Realizavam-se algumas dobraduras na chapa com batidas de martelo ou de pedra, para formar o barco, imitando geralmente uma baleeira ou uma canoa, tais quais as embarcações que existiam nos ranchos próximos da minha casa.

Este brinquedo era mais elaborado e demoravam-se alguns dias para concluí-lo.

Quando a tarefa estava pronta, era uma festa. Uma festa, geralmente solitária. Esse brinquedo era mais durável e periodicamente recebia reparos e modificações, com ajustes para melhorar a sua navegabilidade.

O carinho, o afeto e admiração pela ponte Hercílio Luz e o Forte Santana fazem parte da minha vida e, com frequência, visito o local onde morei. Ainda brinco infantilmente de peixe-rei, entro no Forte com devoção, vasculho a areia da praia em busca de recordações, converso com pescadores sobre as pescarias e suas embarcações e, num gesto suave, clico respeitosamente minha máquina fotográfica, em busca de ângulos ingênuos e de imagens despreziosas da mesma paisagem da minha infância.

Outra passagem que me remete à baleeira é a época em que participei como atleta remador no Clube Náutico Francisco Martinelli, incentivado pelo meu tio Nilton. Naquela ocasião, algumas regatas eram acompanhadas por baleeiras com membros da comissão organizadora que auxiliavam as competições.

Essa embarcação é conhecida nos Açores por canoa baleeira ou bote baleeiro e foi o principal equipamento utilizado na árdua caça do cachalote pelos açorianos. Já na Ilha de Santa Catarina é conhecida como baleeira e foi usada pelos catarinenses na caça da baleia franca. Também foi denominada de lancha, após a introdução do motor, onde continua sendo utilizada em passeios e na pesca artesanal.

Busco a divulgação de nossos museus, como o Museu Nacional do Mar e o Museu da Baleia de Imbituba em Santa Catarina, o Museu dos Baleeiros e o Museu da Indústria Baleeira nos Açores, além da propagação da preservação através da educação ambiental, baseada no turismo de observação de baleias - "whale watching", fato que já vem se desenvolvendo com harmonia, tanto no litoral catarinense como no açoriano.

A intenção principal desse livro é chamar atenção para esta construção naval que está em declínio e tende a desaparecer rapidamente por falta de construtores e dificuldade de transmissão desta técnica. Devemos fazer todos os esforços para que esta tradição seja passada para as gerações futuras. Quero despertar o interesse pela preservação de uma identidade cultural proveniente dos Açores, mostrar as particularidades dessas embarcações e contribuir para semear a conscientização sobre nossos bens culturais, além de mostrar o nosso reconhecimento e a nossa homenagem à gente açoriana, da qual tenho descendência e que ajudou a formar a base da cultura florianopolitana.

O autor - verão de 2006.

CONTEÚDO

Construção da Canoa baleeira - Açores

A canoa baleeira açoriana, mas conhecida como bote baleeiro é considerada uma "jóia", pois possui detalhes minuciosos e delicados com certo refinamento, diferente da baleeira do Brasil que é mais rústica, mas também com as mesmas qualidades náuticas.

Sua construção vem sendo transmitida e repassada para várias gerações de mestres construtores navais entre eles o senhor João Silveira Tavares, morador em Santa Cruz das Ribeiras na Ilha do Pico, onde tive a grata satisfação de conhecê-lo e entrevistá-lo em agosto de 2007 no Arquipélago.

As primeiras baleeiras eram de casco trincado e equipadas com uma tábua de bolina onde garantiam maior velocidade. Com a chegada das lanchas "Gasolinas" que rebocavam os botes até as proximidades da baleia, essa tábua de bolina e a respectiva caixa foram suprimidas, para ganhar espaço e reduzir o peso da embarcação. Com a autonomia da caça pelos açorianos, o bote baleeiro passa a ter tamanhos adaptados a sua realidade e o casco passa a ser liso, devido à convicção de que o ruído produzido por este acabamento assustava as baleias.

Outros detalhes característicos no bote açoriano são a forqueta, localizada a bombordo no castelo de popa, para o remo de esparrela, o logaiéte, um cabeço de madeira, rigidamente engastado a estibordo no leito de popa, que servia para passar, com duas voltas ao seu redor, a linha que estava presa à baleia, permitindo certo controle da tensão exercida pelo animal e o banco do mastro que possui um encaixe articulado para armação do mastro.

A última canoa baleeira construída nos Açores para trabalhar na baleação se deu em 1952. Era a canoa Boa Vista com 12 metros de comprimento, lançada à água por Francisco José Machado na localidade de Aguada na Ilha do Pico.

O início da construção da baleeira se dá com o corte da madeira para a confecção das cavernas e roda de proa, retiradas das Acácias da Horta - árvore nativa do Faial, em época que não possuem muita seiva. São cortados galhos com curvaturas apropriadas e escolhidos através moldes simples das principais seções da proa, popa e meia-nau. No estaleiro as peças são serradas em tábuas de 3 cm de espessura e deixadas secar ao sol.

A quilha é retirada dos pinheiros nas montanhas da Ilha do Pico. A peça é cortada, formando uma viga de 20 cm por cerca de 9 metros de comprimento.

As rodas são unidas em escarva e aparafusadas a quilha, formando a espinha dorsal da baleeira. Abre-se o aferiz para a montagem das nove fôrmas que irão dar o volume do casco.

Um grande segredo tradicional que auxiliou a construção da baleeira açoriana é a maquete de meio casco, que era bem guardado pelos construtores, motivo de grande disputa entre as Ilhas. Era receio que uma comunidade rival conseguisse fabricar uma baleeira com melhores qualidades náuticas de robustez e velocidade, chegando primeiro à baleia do que a outra.

A maquete era construída normalmente em madeira de pinho na escala de 1:20, ou seja, vinte vezes menor que o tamanho real da embarcação. Era composta por quatro tábuas de 1 cm de espessura, fixadas com cola e cavilha umas sobre as outras. Como a baleeira é simétrica constrói-se apenas um lado. A partir daí o construtor tem de maneira clara e tangível a visão tridimensional da embarcação.

Com todas as fôrmas no seu devido lugar, e com os entalhes recortados para as mata-juntas, começa-se a entabuar o casco. São tábuas de cascinha rosa, muito finas de 12mm de espessura, pregadas e rebitadas em lonqarinas de 1 cm de espessura, ficando o casco reforçado e sem precisar de calafetação. Essas mata-juntas



Botes baleeiros no Faial



Bote baleeiro no Pico



permitem o uso de pranchas muito delgadas, que conferem uma leveza à baleeira e robustez ao seu casco. Utiliza-se quase cinco mil pregos de cobre para unir o costado, as mata-juntas e o cavername. Uma vez terminado o tabuado, começa-se a montar as cavernas que são em torno de oitenta e oito. Quando não se tem os moldes prontos das cavernas, faz-se o modelo com uma barra de cobre em cada seção no costado, ajustando-o no local exato de cada caverna. Este molde é transferido e riscado na tábua de acácia e recortado com os devidos sulcos para as mata-juntas, da qual sai a caverna ainda rústica. Posiciona-se a caverna na seção correspondente, fazem-se os ajustes necessários e para dar o acabamento final é aplainada, lixada e pregada. Para finalizar monta-se os bancos, forra-se os leitos, fazem-se os remos, o leme, o mastro, as peças do velame e as guarnições nos locais que sofrem desgastes, são talhadas com osso de cachalote.

Depoimento do construtor de baleeiras do Pico, João Tavares, em agosto de 2007, sobre o tempo para construir um bote, ele diz:

"O bote, aquilo depende um mucadinho, se for na época de inverno faço até um mucadito mais rápido, mas se for na época do verão leva algum tempo. Mais ou menos 3 meses e meio a quatro, 3 pessoas, eu mais dois ajudantes, um é ajudante o outro já não é muito ajudante, já é um que vai mexer, no caso é o meu genro, que sabe um pouco mais..."

Construção da Canoa baleeira - Brasil

A baleeira é uma embarcação simétrica, muito alongada, leve, de costado baixo, porém de construção muito sólida e resistente, tendo versatilidade de manobrar nos dois sentidos sem ter que virar de bordo e permite alcançar grandes velocidades.

As medidas mais utilizadas baleeira na Ilha de Santa Catarina são: 9,20 metros de comprimento, 2,20 metros de largura e 0,80 metros de altura, porém podem ser encontradas embarcações que variam de 7 a 12 metros de comprimento.

O alicerce da construção da canoa baleeira está na quilha, que junto com a roda de proa e de popa, definem o comprimento da embarcação.

Nesta "coluna vertebral" são montadas as cavernas, que podem ser naturais (recortadas na curvatura natural da árvore) ou cozidas (aquecimento das peças de madeira na curvatura desejada). O alefritz, entalhe feito na quilha, na roda de proa e no cadaste, recebe as cavernas e o tabuado do casco. O conjunto composto pela quilha, roda de popa e proa e cavernas era normalmente confeccionado em peroba, canela ou licorana, madeiras resistentes encontradas na região.

Alécio Heidenreich, no depoimento em maio de 2006, ele diz:

"A madeira toda, foi tirada aqui na ilha, nos íamos tirar a madeira com o pai, papai e eu, eu era pequeno ainda e gostava de ir no mato tirar a madeira, passava aquele café cabeludo que se chamava, café sem coador, botava um pau dentro da chaleira, ou numa lata para ferver, depois de ferver então, deixava o pau baixar para tomar aquilo assim, então pra mim aquilo era uma festa, era uma festa ir no mato ver os passarinhos cantar, ver a gente caçando e eles tirando. Olhavam assim, uma canela torta, assim lá meio torta, chegavam e derrubavam para tirar um galho às vezes só, já pensou derrubar uma canela enorme para tirar um galho que tava torto que dava para fazer caverna, e o resto ficava jogado. Depois quando eu já era moço, eu já tava casado, foi botado uma madeireira, uma serraria lá na Caieira da Barra do Sul, tinham uns caras que tiravam madeira, já serravam e já traziam serradas pra nós, em rachas assim né, em rachas, então facilitou muito."

No topo do cavername é montado o talabordão, que serve de remate para dos revestimentos externo e interno do casco. Na proa, completando o acabamento estrutural externo é fixado o trancaiz e o barbado.

Ajudando na estrutura da embarcação, são colocados os bancos, normalmente cinco peças, que reforçados pelo curvatão, (composto por duas peças curvas de madeira) estão localizados nas duas extremidade de cada banco. O curvatão faz a conexão do banco com o cavername e talabordão, dando rigidez ao conjunto.

Um tabuado de forma triangular que se forma na proa e na popa é chamado de castelo dianteiro e castelo traseiro respectivamente.

Sobre as cavernas é montado o casco que pode ser trincado (tábuas sobrepostas e juntas calafatadas) que é o mais encontrado na Ilha de Santa Catarina, ou liso (tábuas lado a lado com mata-juntas e também com juntas calafatadas). O casco geralmente era feito de pinho ou cedro.

O forro e os painéis internos, são usualmente confeccionados com tábuas de araucária, o pinheiro de Santa Catarina, uma madeira resistente ao tempo, quando em contato com a água salgada e fácil de ser trabalhada.

No sentido longitudinal do casco e abaixo da borda é fixada uma tira estreita de madeira, como acabamento, chamada de cordão, que ajuda a enfeitar e principalmente proteger a casco quando a embarcação é estacionada e encostada num trapiche.

Segundo o depoimento do mestre construtor de baleeiras do Estreito, Ermani Pereira, mas conhecido como Canela, em novembro de 2005, sobre o sistema de caverna cozida ele diz:

"Essas reguinhas, nos fazíamos as cavernas cozidas dentro de uma caixa de madeira, molhava bem com água, deixava de molho e punha na parede, tudo a base de 3m por 18 ou 19mm. Usava-se muito a madeira óleo, o genipapo ou a cutia, mas era a madeira mais difícil de encontrar. A madeira vinha da serraria e tinha 3 metros de comprimento.

Pegávamos e colocávamos dentro da caixa, tudo serradinho já, fechava. Era uma caixa de madeira, e tinha um cano, que vinha de um tonel com água. Tocava fogo ali no latão e a caixa bem vedada, até a tampa aqui era bem vedada com um lacre, e aí botava fogo no carvão. Ah! Quando ela começava a ferver, já tirava. O vapor deixava a madeira mole, então moldávamos a caverna na curvatura desejada."

A cor usual da baleeira é o branco, que normalmente reveste a maior parte do casco. Os detalhes como; frisos, a borda e as tábuas superiores são, quase sempre, pintadas de azul, amarelo e vermelho.

O velame, normalmente era feito da junção de várias sacas de algodão, utilizadas no armazenamento de farinha. Usavam-se dois tipos de vela: a tradicional de espicha e a vela mestra sem retranca, levantada com carangueja, tendo uma pequena vela na proa.

A silhueta característica da baleeira é composta pelo casco curvo e hidrodinâmico, rodas de proa e popa em arco e dupla proa.



Baleeira em Sambaqui-Florianópolis



baleeira na praia do Forte-Florianópolis

REFERÊNCIAS

- . AFONSO, João; Mar de Baleias e Baleeiros, Direção Regional da Cultura, Açores, 1998.
- . ANSEL, Willits D.; The Whaleboat - A Study of Design, Construction And Use From 1850 to 1970. Mystic Seaport Museum, Inc.; EUA, 1983.
- . ARCHENAVE, Comissão de Arqueologia, História e Etnografia Naval. Patrimônio Cultural Naval do Brasil, Brasília, 1990.
- . BITENCOURT, Fernando; Armações Baleeiras da costa Basca e Garopaba. Santa Catarina, 2005.
- . BOITEUX, Lucas; A pesca da Baleia. Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1914.
- . CÂMARA, Antônio Alves; Ensaio sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil. Volume 2, 3ª edição, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1976.
- . CATÁLOGO do Museu Nacional do Mar - Embarcações Brasileiras, São Francisco do Sul.
- . CLARKE, Robert; Baleação em botes de boca aberta nos mares dos Açores. História e métodos actuais de uma indústria-reliquia. Edição de R. Clarke e F. Faria da Silva, Açores, 2001.
- . COMERLATO, Fabiana; Arqueologia Histórica nas Armações da Pesca da Baleia em Santa Catarina. Projeto de Pesquisa - Mestrado de História, Porto Alegre, 1996.
- . ELLIS, Myriam; A Baleia no Brasil Colonial. Melhoramentos, São Paulo, 1968.
- . FIGUEIREDO, José; Introdução ao estudo da indústria baleeira insular. Museu dos Baleeiros, 1996.
- . FOLHETO - Bote Baleeiro Açoriano - Açores na Expo 98, São Roque do Pico, Açores.
- . GOMES, Maria Gabriela de Oliveira; Indústria Baleeira em Santa Maria. Revista Atlântida - Instituto Açoriano de Cultura, 2003.
- . LEE, Lance e Bruce Halabisky; Duas voltas ao logaiéte - A Cultura da Baleação nos Açores. Nova Gráfica Ltda, Açores, 1999.
- . LICHT, Henrique; O Remo através dos tempos. Porto Alegre, 1986.
- . MALHEIROS, Gustavo e Eduardo Junqueira; Embarcações Brasileiras. Arte Ensaio Editora, Rio de Janeiro, 2003.
- . MENEZES, Francisco; Catálogo do Museu dos Baleeiros, Açores.